

**RELIGIÃO CIVIL, DESTINO MANIFESTO E POLÍTICA
EXPANSIONISTA ESTADUNIDENSE**

André Luiz Araújo Ramos

Augusto Ridson de Araújo Miranda

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender as relações existentes entre a religião civil, e a política imperialista/expansionista estadunidense, trabalhando como enfoque principal a do governo Bush, considerando as tradições inventadas disseminadas no imaginário nacional tais como o sentimento patriótico unificador da Nação e o “Destino Manifesto” de um país eleito pela “Providência Divina”; consideraremos também neste artigo as apropriações de conceitos como democracia, liberdade e igualdade para a legitimação de suas práticas.

Palavras-chave: Estados Unidos; Religião Civil; Destino Manifesto; Tradição Inventada.

INTRODUÇÃO

A incorporação de ideais difundidos para uma Nação demanda uma série de esforços coletivos, regados a sentimentos expressos em práticas ditas tradicionais; o historiador, pois, deve estar atento e problematizar estes esforços, perceber estes discursos como vestígios construídos em tempo e espaço com determinados interesses, sejam de ordem religiosa, política, econômica ou social. Mais fundamental para o historiador é entender que estas ordens se completam (ou seja, não estão distintas entre si) nos diferentes sujeitos históricos

Ao se estudar os acontecimentos político-sociais dos Estados Unidos na própria emancipação das ditas “*Treze Colônias*”, base territorial fundante do país, percebemos a importância da coletividade, diversificada, porém agregada pelo discurso unificador de “*One Nation Under God*”¹, que se apropria dos valores que estas sociedades já traziam, tais como a família, o trabalho, o esforço individual (aquilo que Weber coloca

como Ética Protestante) e os difundem, legitimando-os como valores-base para a nova Nação que se coloca no cenário mundial. Em suma, uma sociedade de imigrantes que quer se unir em torno do discurso do nacionalismo.

Tais valores completam o sentido deste imaginário estadunidense com a tradição inventada² do Destino Manifesto, visto que, segundo esta concepção, os Estados Unidos teriam sido eleitos pela Providência Divina para levar esses valores às nações desprovidas dessa “benção divina”:

Deus escolheu a América para que aqui se construísse a sede do paraíso terrestre, por isso, a causa da América será sempre justa e nada de mal jamais lhe será imputado. Os colonos são os verdadeiros herdeiros do povo eleito, pois prestavam a Santa Fé. *Nossa missão é liderar os exércitos de luz em direção aos futuros milênios*.³

Pode-se notar facilmente a presença marcante da crença em Deus e dos valores cristãos na mentalidade estadunidense, tanto a civil como a militar. Contudo, nos foquemos nesta civil. Este “espírito” religioso permeia, portanto, as relações políticas e sociais externa e principalmente internamente e como os próprios estadunidenses colocam, seja nos filmes que mostram alguma cena de uma oração de *Thanksgiving*⁴ ou até mesmo nos filmes em que este sentimento patriótico não é mostrado explicitamente: “sob estes pilares é que este GRANDE país foi construído”.

A presença marcante de um tom patriótico nas películas hollywoodianas também nos ajuda a entender como se processa esta “venda de valores” para o mundo. A historiadora Mary A. Junqueira, em seu livro “Estados Unidos, a consolidação da nação” analisa com propriedade esta questão:

Para tanto, basta observar o cinema de Hollywood. Filmes como *Independence Day*, *Força aérea 1*, *O patriota* e *Pearl Harbor*, além de excessivamente patrióticos, são criados a partir do mito de que os Estados Unidos são vencedores e, por isso, têm como ‘dever’ defender a sociedade que construíram por um “desígnio ditado pela providência”, em alguns casos, devem também defender a humanidade em geral. Como se vê, não é uma tarefa fácil (...) Importa notar que essas produções hollywoodianas são campeãs de bilheteria. E, é preciso dizer, não só nos Estados Unidos. (...) Quantas vezes não vimos nos filmes os protagonistas afirmarem que esta ou aquela pessoa é um

winner (vencedor) em oposição a um *loser* (perdedor). Essa é uma visão na qual o mundo é dividido entre vencedores e perdedores. E vencedores – categoria em que os Estados Unidos se colocam com destaque – são os que conquistaram sucesso econômico.⁵

Mas quais pilares são estes mesmo? Liberdade, democracia, estrutura familiar, sermonária protestante⁶ etc., são estes pilares, que inseridos nesse corpo de crenças e símbolos, são utilizados de diversas maneiras ao longo da história estadunidense, que reunidos formam o conceito proposto por Robert N. Bellah em 1967 de “*american civil religion*”. Benjamin Franklin já denominava de *public religion* para mostrar um caráter público, e, portanto coletivo desta religião; Lincoln, por sua vez, já apropriava esta religião para o campo político utilizando o termo *political religion* através da expressão “*One nation under God*”⁷ visando a reunificação nacional no período pós-guerra da Secessão. Basta lembrar-se de que a sede do governo estadunidense chama-se *Capitolium* e seu presidente seria o pontífice máximo da República⁸. O Lutheran World Federation denomina religião civil como:

(...) um conjunto de símbolos, idéias e práticas que legitimam a autoridade de instituições civis em uma sociedade. Fornece uma fundamental orientação de valores que une um povo em ação comum ao domínio público. É religioso em um sentido amplo que evoca comprometimento (...) expressa o mais forte sentimento de esforço, identidade e destinação. É civil em um sentido amplo, pois lida com as instituições públicas básicas exercendo poder em uma sociedade nação ou qualquer unidade política.⁹

Neste sentido, podemos perceber que a religião civil se manifesta nos discursos, na citação de passagens bíblicas nos mais variados espaços públicos, na veneração de heróis cívicos e na valorização dos heróis de guerra (o culto sacrificial da pátria)¹⁰. Seguiremos ao longo deste artigo com a seguinte questão: de que formas estas práticas e construção de discursos legitimam ações imperialistas, tais como intervenção político-militar, práticas de imposição explícita ou implicitamente de valores e de pressões econômicas.

RELIGIÃO CIVIL E TRADIÇÕES INVENTADAS

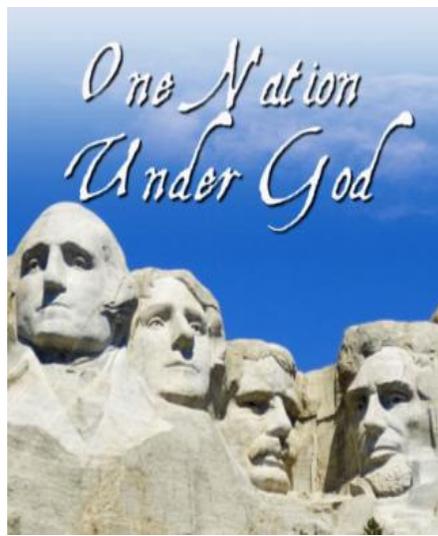
Um ponto que nos foi fundamental para compreendermos a relação entre o discurso de unidade nacional no meio de uma população notoriamente diversificada, como já foi dito aqui¹¹, foi a concepção do contrato social proposto por Rousseau, na célebre obra de mesmo nome.

Fernando Catroga, historiador com o qual dialogamos para a construção deste artigo, em seu livro “Nação, Mito e Rito”, analisa uma maior influência de Rousseau para a sistematização de uma religião civil estadunidense em comparação à influência de Locke. Ele afirma que:

(...) nos EUA, existe uma religião civil estabelecida, a qual, embora não esteja organizada como Igreja, tem um papel fundamental na produção e reprodução do consenso nacional e social, tarefa tanto mais necessária quanto mais se trata de uma sociedade de imigrantes. Daí, a pertinência desta hipótese: nesta experiência, não se estará mais próximo de Rousseau do que de Locke? .¹²

Rousseau entendia que uma espécie de “contrato social” seria necessária para firmar a união coletiva do corpo civil, ou seja, uma coesão social, assegurada pelo Estado através do aparato jurídico e político; também desta forma assegurava as liberdades públicas, garantidas por lei¹³. Este contrato social está sacralizado na crença de um Deus transcendente. Ao passo que, em Locke, é perceptível uma defesa na separação entre Igreja e Estado para assegurar as liberdades públicas, desta forma também previstas por lei.

No imaginário estadunidense, a importância de certos ritos e práticas coletivas reflete a ênfase da religião civil, disfarçada de “moral e ética cristãs” em compreender Deus como elemento unificador da pátria. O mote desta questão é a apropriação de elementos morais já existentes (como foi dito, o modelo de família, os ideais de democracia e liberdade etc.) como legitimadores destas práticas, que por sua vez disseminam e legitimam estes elementos morais, num jogo dialético de somas e trocas de força, num jogo de influências entre as elites econômicas dominantes e a população pobre (seja ela imigrante, que veio ao país



em busca de melhores condições de vida, objetivando o “*American way of life*”, ou a que recebeu a herança escravista)¹⁴. É neste jogo de influências que perpetuam práticas como culto aos elementos identificadores da nação (bandeira, hino nacional), alusões aos heróis e atividades sagradas para o cotidiano estadunidense através do corpo comemorativo - trataremos de algumas destas datas comemorativas posteriormente - e expressões (e citações) de cunho bíblico em veículos públicos, como nas moedas e nos principais monumentos, como podemos ver na figura acima.¹⁵

O *4th July* é um exemplo prático de como a religião civil se manifesta através de práticas comemorativas. A data comemorativa da Independência dos Estados Unidos significa um conjunto de importantes marcos temporais; A Declaração da Independência, de 4 de julho de 1776 e a institucionalização, pelo Congresso Nacional, em 4 de julho de 1870, da comemoração para os funcionários públicos. Se em jornais da época¹⁶ o *4th July* representa a liberdade e deve ser comemorado por toda a América para todo o sempre, este sentido não mudou tanto nos dias de hoje; contudo, através da prática de comemoração percebemos certa conotação apoteótica do dia, com desfiles, atividades esportivas e explosões de fogos de artifício (o que acontece não apenas lá, mas em praticamente quase todos os países independentes politicamente). Mais vale lembrar, que com toda a visibilidade social coletiva, a reunião familiar tem destaque com os piqueniques. Mudam-se as práticas comemorativas, mas o “espírito” patriótico evocando a liberdade permanece.

Queremos esclarecer um ponto fundamental para a compreensão deste trabalho: não estamos aqui colocando o povo estadunidense como uno, homogêneo. A construção de um discurso unificador permeia vários pontos da História não só dos Estados Unidos, mas de todos os Estados modernos para o estabelecimento de uma idéia de nação; esta idéia se aplica nos Estados Unidos quando do esforço de mobilização civil-militar para a emancipação do país (glorificado, se possível, mais visivelmente nas comemorações de *4th July*) e na situação política quando mais se necessitou da legitimação da união, baseando-se numa religião civil, como por exemplo: os esforços de Lincoln¹⁷ para a reunificação estadunidense depois da Guerra Civil, ou nos esforços para combater o comunismo na Guerra Fria.

É importante lembrar, também, (contudo não nos ateremos a isso) das questões de conflitos de classe para nos ajudar a elucidar de que formas a religião civil é inequivocamente um instrumento de dominação e de legitimação de uma homogeneidade forçada. Dessa forma, a religião civil dá subsídios morais para as classes dominantes tentar amenizar ou, de certa forma, tenta afastar as atenções das desigualdades e dos conflitos sociais e morais das diversas classes trabalhadoras estadunidenses buscando sempre elementos em comum, ou até mesmo criando-os e os legitimando como tradições (inventadas).

Se pudéssemos eleger a tradição inventada mais forte para o imaginário estadunidense, seria a frase “*In God we trust*”. Não nos ateremos à questão de como esta frase torna-se tradição inventada; nosso foco é a análise de como ela reafirma outra tradição inventada: O Destino Manifesto.

De matrizes bíblicas¹⁸ e utilização similar¹⁹ na famosa canção *Star-Splanged Banner*, escrita em 1814 (elevada à condição de hino nacional oficial em 1931), *In God we trust* é colocada inicialmente nas moedas de *dois cents*, e depois sublevada às outras moedas e também cédulas. Inspiração perdida no tempo-espaço? Não. No contexto da Guerra Fria, a “caça-às-bruxas” empreendida pelo senador Mcarthy e aliados ganhara um aliado no congresso. O congressista Benett, do Estado da Flórida, proclamou estas palavras para legitimar o uso da frase nas moedas:

(...) nestes dias, quando o comunismo imperialista e materialista procura atacar e destruir a liberdade, devemos continuamente procurar maneiras para fortalecer os pilares de nossa liberdade. Na base de nossa liberdade, nossa fé em Deus e desejo dos Americanos de viver através de Sua vontade e guia. Enquanto este país confiar em Deus, irá prevalecer. Para que constantemente lembremo-nos desta verdade, é altamente desejável que nossas moedas correntes nos remetam a estas palavras inspiradoras: Em Deus nós confiamos.²⁰

É visível, através desta fala do congressista, entender como a religião civil está presente nos discursos políticos, atendendo a específicos interesses; o combate ao comunismo, dito ateuista, é legítimo para uma sociedade marcadamente cristã. A legitimação da frase (como tradição) remete a elementos preexistentes para combater os atuais “inimigos” da nação, pois faz parte de seu “Destino”. Abaixo temos a imagem de algumas moedas e notas de dólar com a inscrição *In God we Trust*²¹.



Esta frase, extraída do Hino Nacional estadunidense oficial, traz consigo uma carga ideológica muito importante. Ela é um exemplo prático da incorporação da religião civil no discurso político-expansionista dos Estados Unidos temos então um bom exemplo de como funciona a doutrina do Destino Manifesto.

Dentro desta religião civil, apesar de leiga (enquanto que não se institucionaliza como Igreja), encontramos duas entidades teológicas contrapostas: o Deus deísta, e o Deus Teísta.²² O primeiro sendo como um Deus indiferente a tudo, que deixa o universo seguir sem nenhuma intervenção, enquanto o segundo encontra-se incumbido de orientar e intervir, quando necessário, para que seu universo (os Estados Unidos) alcance sempre seus objetivos e cumpra seu destino. Para cumprir este destino as fronteiras geopolíticas não seriam empecilho. As fronteiras estadunidenses já não eram, de acordo com esta doutrina, apenas geográficas, mas sim ideológicas, e se estenderiam até onde fosse necessário levar a civilização. A fronteira que se estabelece então é a que separa a civilização da barbárie.²³

A doutrina do Destino Manifesto reside “no princípio calvinista da predestinação absoluta pela qual ‘Deus escolhe seus eleitos’. (...) Segundo Demétrio Magnoli, a difusão da liberdade seria a extensão das instituições americanas para povos que não a

haviam escolhido. ‘O Destino Manifesto (...) irá então adquirir as feições de um altruísmo civilizatório, sustentando a idéia de ação regeneradora destinada a conduzir os outros povos para a Nova Jerusalém’.”²⁴ Tratar os outros povos como uma tabula rasa seria um imenso equívoco; sabemos que “os outros” também têm suas instituições, seu corpo cívico, etc. O que fazer então com quem viesse a rejeitar os “missionários divinos”? A resposta é: simplesmente não há como fugir da vontade de Deus. De acordo com o ex-presidente Thomas Woodrow Wilson (1912 – 1921), “(...) a ‘missão civilizadora’ dos Estados Unidos consistia em outorgar a democracia aos países atrasados, ainda que pela força”.²⁵

A Doutrina Monroe e a política do *Big Stick* (Grande Porrete) de Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos (1901 – 1909) que fora também um chefe de polícia de *New York*, reforçam e complementam a doutrina do Destino Manifesto. Ao que nos parece, Roosevelt acaba por simbolizar a idéia do “xerife”, proclamando-se como defensor dos países aliados e a “América” como a polícia do mundo. A América para os americanos representa esse sentimento de posse dos Estados Unidos sobre toda a América, posse concedida por “direito divino”. Não apenas isso: a Doutrina Monroe não pode ser percebida apenas como um discurso legitimador da posse do continente para os estadunidenses (imagem forte e eficientemente vendida para o resto do mundo). Com efeito, este discurso ganha ares de *identidade*, fazendo com que os estadunidenses também se convençam de que a América lhes pertence, de que são de fato os *americanos*. É ao mesmo tempo uma negação político-econômica da Doutrina Monroe para os europeus e uma negação da “raiz” européia dos estadunidenses.

Apossar-se da América será uma missão tão altruísta como parece? Em termos práticos, os interesses econômicos são o principal combustível dessa política expansionista. O *Big Stick* e a Diplomacia do Dólar de Taft (1909 – 1913) mostram a pretensão dos Estados Unidos de assegurar seus interesses econômicos na vizinha América Latina.²⁶ São vários os exemplos que poderíamos citar para exemplificar na prática essas doutrinas estadunidenses, mas achamos interessante nos focar em um tema atual: o governo de George W. Bush e seu combate ferrenho ao “*Axis of Evil*”.²⁷

Não é a toa que o principal meio de difusão de valores como o *In God we trust* é a moeda nacional. A economia estadunidense não tem hoje um papel de tamanha importância para a economia mundial à toa. Cada episódio da história desse país no qual foi posta em prática sua política expansionista, esta teve (como já vimos) sua carga ideológica fortemente embasada pelo seio da nação e apoiada pelo mesmo para que se conseguisse alcançar sempre os objetivos almejados. Da mesma forma como eles conseguiram conquistar tal posição, hoje, diante da questão energética, os Estados Unidos têm de preservar sua posição e para isto farão o que for necessário.

PROMOVEMOS UMA GUERRA PARA SALVAR UMA CIVILIZAÇÃO, NÃO PROCURAMOS POR ISSO²⁸

Para tratar do governo Bush, dialogamos com o documentário “Fahrenheit, 11 de Setembro” de Michael Moore. Analisaremos aqui o trabalho de Moore para identificar como se dão na prática as características dessa religião civil e as idéias de destino manifesto das quais tratamos durante o trabalho. Neste documentário o autor trata de assuntos atuais, dando início com o ataque de 11 de setembro às torres gêmeas, estendendo-se até a guerra do Iraque. Michael Moore trabalha estas temáticas a partir de investigações não só ao governo de Bush, como também a alguns aspectos da vida do presidente (e sua rede de relações, seja familiar, política, etc.) anteriores a sua posse como presidente dos Estados Unidos, tais como: suas firmas de extração de petróleo, os “amigos” que sempre teve no cenário político-econômico estadunidense (até mesmo através de seu pai) e alguns fatos interessantes como, por exemplo, sua dispensa da Força Aérea Nacional e a própria manobra política que o levou a presidência.

À primeira vista, parece que Michael Moore condena as práticas expansionistas norte-americanas, mas ao olhar bem, a sua crítica se dirige ao presidente Bush, sendo este uma mácula sobre as instituições do corpo cívico estadunidense e suas ações, que estariam prejudicando o próprio “e sagrado” povo dos Estados Unidos (como ocorreu no atentado ao *World Trade Center* – que, de acordo com o documentário, aconteceu, também, por negligência do presidente Bush, que havia ignorado os avisos do FBI e da CIA, agência de inteligência estadunidense, sobre ataques terroristas que estavam sendo planejados por Osama Bin Laden). Enganam-se os que acham que Moore critica os

Estados Unidos; muito pelo contrário, através de uma análise mais esmiuçada do documentário, compreendemos que este está inserido na ótica da religião civil e em defesa (não seria exagero afirmar) das “tradições” estadunidenses. Moore é um patriota exemplar e isto fica claro em seu trabalho onde suas idéias tornam-se a “encarnação” de um nacionalismo que viria a renovar as forças dos norte-americanos para que eles superassem as atribuições pelas quais passavam durante o governo Bush.

Pudemos comprovar que “Fahrenheit, 11 de setembro” adequou-se perfeitamente aos anseios de uma população estadunidense incomodada com os recentes rumos da “América” (entenda-se Estados Unidos) quando vimos esta opinando sobre o documentário no conteúdo extra contido no seu DVD. Logo após assistirem ao documentário nos cinemas norte-americanos, algumas pessoas foram entrevistadas e a reação de cada uma delas era de espanto, de descrença e indignação diante das atrocidades que sua tão amada pátria estava cometendo, representadas pelo governo de George W. Bush. Contudo, a reação destas pessoas não ficou apenas no “indignar-se” e o “mais patriótico documentário já produzido”, inflamou o espírito patriótico em seus corações; os entrevistados convocavam seus compatriotas a fazer valer as “tradições americanas” através do voto que, segundo alguns dos relatos, era a forma mais legítima de se exercer a democracia²⁹.

O discurso legitimador da invasão ao Iraque elaborado pelo governo Bush era o do desarmamento desse país, já que este estaria supostamente com armas de destruição em massa sob seu poder. Para além dessa missão digna dos “xerifes do mundo” o altruísmo civilizatório se fazia mais uma vez presente no discurso expansionista dos Estados Unidos, pois eles agora estavam incumbidos libertar o povo iraquiano do regime de Saddam Hussein. Assim, como seria possível alguém resistir à liberdade que lhe está sendo oferecida? O que acontece é que, sob as diretrizes do Destino Manifesto a única soberania que os Estados Unidos reconhecem é a sua própria e caso houvesse resistência lhe restaria mais uma vez a alternativa de outorgar a liberdade e a democracia à barbárie.

O que vemos, na realidade, nesta guerra é um Iraque desprovido das tais armas de destruição em massa e um povo iraquiano revoltado por ter sua casa (tanto no sentido

de moradia como no sentido de pátria) invadida. Ainda no material extra do DVD do documentário, vemos civis iraquianos que haviam sido presos denunciando as torturas e maus tratos aos quais foram submetidos e se indagando com muita indignação onde estaria, diante de tais práticas, a liberdade que os norte-americanos pregavam.

Não é de se esperar por menos de um país que suprime a liberdade e a privacidade individual de seus cidadãos - estamos nos referindo ao famigerado *Decreto Patriota*. Este decreto foi aprovado no Senado estadunidense suprimindo os direitos individuais do “cidadão americano”- para o bem da segurança nacional. Ora, num clima pós-ataque às Torres Gêmeas onde o medo estava sendo capitalizado (na venda de aparatos de segurança, seja um pára-quadras de fácil manejo ou uma cabine antiterror onde você poderá ficar tranqüilamente protegido enquanto o “mundo explode ao seu redor”³⁰) e utilizado para manipular a mente do povo estadunidense (como no próprio depoimento do *congressman* Jim McDermott ao documentário, que fala sobre os mecanismos de controle da população através dos alertas constantes de ameaças feitos pelo governo), quem não faria, pela sua pátria, o sacrifício de renunciar seus direitos pessoais? O que aconteceu foi que na prática o Decreto Patriota não foi tão bem sucedido. Podemos ver isto no documentário, quando uma associação criada para discutir assuntos de paz, a *Peace Fresno*, teve um policial infiltrado entre seus participantes; ou quando um senhor, Barry Reingold, recebe em sua casa uma visita do FBI simplesmente por ter manifestado sua opinião em uma conversa com amigos na academia, chamando o presidente de “cretino” (vale ressaltar que foram os próprios amigos de Barry que o denunciaram). Por que será que fatos como esses ocorrem num país “como os Estados Unidos”? Talvez porque, segundo o Senador John Conyers, o Senado norte-americano não lê a maioria dos projetos que aprova por falta de tempo e urgência pelo andamento dos assuntos do país.

Os próprios soldados estadunidenses em missão no Iraque com o passar do tempo perceberam que aquela missão já não fazia sentido e matar aquelas pessoas fazia menos sentido ainda já que o ideal de liberdade que deveria ser a força motriz da missão já não estava mais contido no caráter desta. Os jovens soldados já não queriam estar arriscando suas vidas pela sede de petróleo de Bush. Um exemplo seria o soldado Michael Pedersen (morto no Iraque): o documentário exhibe sua fala através da última

carta que escreveu para sua família e o conteúdo desta demonstrava o clima de indignação com o presidente Bush por ele ainda estar mantendo os soldados no Iraque.

Michel Pedersen era filho de Lila Lipscomb, uma estadunidense exemplar, além de uma democrata conservadora (que detesta contestadores). É interessante citá-la, pois temos nela um exemplo de uma mudança radical de postura de uma “cidadã americana” em relação às decisões políticas de seu país, contudo sem nunca deixar de ser nacionalista (seria um exemplo de uma migração do nacionalismo de Bush para o nacionalismo de Michael Moore, o que, de certa forma, pode ser considerado um objetivo de “Fahrenheit, 11 de setembro”). Lila põe em prática de fato a religião civil estadunidense e incorpora as instituições que a constituem, como por exemplo, o culto a bandeira e a importância da família para a nação. Lila diz que sua família é a espinha dorsal da “América” e que esta foi construída com seu trabalho. Hastear a bandeira de seu país todos os dias do lado de fora de sua casa é uma honra, demonstra o orgulho que sente de pertencer à sua nação.³¹ Toda sua família prestou serviço militar e Lila considera isso como um presente para os Estados Unidos.

É em respeito aos seus antecessores e, principalmente, ao seu filho que estava servindo no Iraque que ela detestava contestadores à Guerra do Iraque, mesmo porque foi ela mesma quem incentivou os filhos a se alistarem³². Com a morte do filho, e ao ler a última carta que ele lhe enviara, Lila percebeu o erro que cometeu, não em praticar um nacionalismo exacerbado, mas em fechar os olhos e aceitar calada a versão dos fatos e as justificativas de Bush, fato que critica enfaticamente quando se torna uma “adepta” de Michael Moore:

Parem de ser ignorantes, parem de acreditar cegamente no que os outros dizem! Somos o melhor país do mundo, sintam-se orgulhosos de si mesmos!³³

Ao analisarmos as diversas fontes para a construção deste artigo, nos deparamos com um ponto que merece ser discorrido acerca da religião civil, que é esta veneração presente dos estadunidenses aos veteranos de guerra. É bastante tocante, para quem observa o documentário, observar cenas de descaso aos veteranos da Guerra do Iraque, com cenas de pessoas com membros decepados ou apresentando distúrbios psicológicos advindos dos traumas de batalha. Este desejo de lembrar e honrar os veteranos de guerra

não só reforçou a idéia do “querer escolher” o nacionalismo de Moore, que se preocupa com os soldados em oposição a George W. Bush como nos traz fortes indícios da incandescência forte da figura daquele que “se sacrifica pelo bem da pátria”, o herói anônimo que personifica os valores morais e cívicos.

Esse brilho presente, pela necessidade de lembrar, de se ter *lugares de memória*³⁴ revivendo e re-significando identificações dos sujeitos a estes veículos (seja o documentário, o cemitério ou a bandeira) pelas memórias dos entes perdidos nas diversas guerras travadas pelos estadunidenses e da defesa pública de datas comemorativas como o Dia da Memória e Dia dos Veteranos tece-nos uma estreita rede de relações entre o discurso da *identidade nacional* incorporado pela religião civil e a identificação dos sujeitos através de suas vivências e memórias (no caso de Lila Lipscomb as memórias que remetiam a seu filho morto).

OS NOVOS DESTINOS MANIFESTOS DA “AMÉRICA”

Para os Estados Unidos, Saddam Hussein transformou-se numa espécie de resfriado. Incomoda, sem comprometer a saúde.³⁵

Esta frase foi proferida pela revista *Veja* a 19/09/01. Grande engano da revista ou parte de um discurso repetido pela cúpula de Estado estadunidense, que visava minimizar a ameaça que o Iraque, na figura de seu presidente Saddam Hussein, representava à civilidade ocidental e aos valores que sustentam a base da *american civil religion*? Com o desenrolar dos acontecimentos referentes ao “11 de Setembro”, é perceptível (e isto é bem enfatizado por Michael Moore em seu documentário) a investida pesada tanto no campo bélico como principalmente no campo moral-cívico-patriótico-retórico para legitimar uma “nova cruzada” contra o terrorismo, apropriando o Destino Manifesto e recolocando-o no curso da dita “História Norte-Americana”.

Suscitando os vários debates acerca dos motivos “sombrios, inescrupulosos, sanguinários” ou simplesmente “econômicos e ideológicos” da ofensiva armada da coalizão liderada pelos Estados Unidos nos principais meios de comunicação espalhados por todo o mundo recorrendo aos ditos “especialistas no assunto”³⁶, nos dá uma melhor idéia dos impactos de sua política expansionista nas impensas

internacionais (ou seja, de como os Estados Unidos divulgam uma visão de si mesmos) e no cenário político-social local, desviando outros focos de conflitos internos sociais igualmente urgentes e curiosamente próximos, como o “problema” da imigração e dos impactos negativos das catástrofes naturais (que evidenciam, mesmo que pontualmente as desigualdades sociais lá existentes). Estes cenários são dialéticos e o Estado estadunidense precisa saber utilizar-se dos mecanismos que trabalha melhor para lidar com estes paradigmas. Mais uma vez se recorre aos discursos unificadores da nação; mais uma vez recorre ao elo-supremo, o *Almighty God*. “Que Deus vos abençoe. E que Deus continue a abençoar a América”³⁷. Não é preciso ir muito longe para lembrar-se do hino “oficioso” estadunidense, chamado *God bless the America*, cantado nas competições desportivas oficiais, mesmo não sendo o oficial.

CONCLUSÃO

Podemos perceber, ao longo da construção deste artigo, a importância dos valores religiosos e da própria religiosidade inculcada nas instituições e estruturas sociais e políticas do corpo civil estadunidense. Pensar a política militar-expansionista estadunidense sem considerar noções como o Destino Manifesto ou as premissas de *One nation under God* e *In God we trust* é definitivamente inviável. Contudo, para podermos concluir este trabalho, temos de ter em mente que tratamos de uma história inacabada. O governo de Bush é apenas mais um inserido nas idéias de uma nação exemplar, escolhida pela providência divina para liderar a humanidade. Mostramos ao longo deste trabalho que Bush não foi o único nem será o último a seguir esta linha, porque já se tornou, ao longo da história, uma estrutura vigente no pensamento político estadunidense (vale ressaltar que esta análise não visa a uma homogeneização desta população).

Se o “sonho americano” não acabou, de acordo com Marcel Gauchet, ao analisar a constante renovação demográfica advinda da imigração, porque ainda há a crença de que a “América” ainda é “*toujours la terre promise*”³⁸, não há sobremaneira razões para duvidar de John O’ Sullivan (frise-se a ironia), em período posterior ao surgimento da Doutrina Monroe, quando categoricamente afirma que “ A América é destinada para melhores proezas (...) Em seu magnífico domínio de tempo e espaço, a Nação de muitas

nações é destinada a manifestar para a humanidade a excelência dos princípios divinos...Sim, nós somos a Nação do progresso, da liberdade individual, dos direitos universais do cidadão...Quem, então, pode duvidar que nosso país é destinado para ser a grande Nação da posteridade?”³⁹

NOTAS

¹ <http://www.christianlaw.org/articles/onug.html> (13/11/07).

² “Por “tradição inventada”, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.” In: (HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.9).

³ “Trecho extraído de Pregações Puritanas realizadas em Nova Jersey em 1660. In: *Revista Caros Amigos*, nº 17, agosto/1998. p.19. In: OLÍMPIO, Marise Magalhães; SAMPAIO, Jorge Henrique Maia. Estados Unidos e o Destino Manifesto In: Ameríndia. Volume 2, numero 2/2006 p.7 www.amerindia.ufc.br (19/10/2007).

⁴ Para uma melhor compreensão acerca das considerações inerentes ao *Thanksgiving* e sua relação com a *Political Religion* de Lincoln, ver In: CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal) / Fernando Catroga – Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005 pp. 34 – 41.

⁵ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos e a consolidação da nação* / Mary Anne Junqueira. São Paulo: Contexto, 2001 pp. 10 – 11.

⁶ (...) as assembleias familiares (incluindo a distribuição dos papéis entre os sexos no seio da família), as reuniões, as paradas, a importância da narração testemunhal e da sermonária etc. E tudo isto é, em última análise, tributário do legado dos ritos protestantes. In: CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* pp. 21-22.

⁷ <http://www.christianlaw.org/content/view/358/61/> (10/10/07).

⁸ CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p. 26

⁹ <http://www.christianethicstoday.com/issue/008/Civil%20Religion%20By%20Richard%20V%20Pierrardoo8.4.htm> (03/06/2005) In: CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p. 25

¹⁰ CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.28.

¹¹ Ao longo do tempo, imigrantes oriundos de diversas localidades do globo, por razões distintas, chegavam ao território que hoje forma os Estados Unidos; vale lembrar, por exemplo, dos impulsos iniciais de imigração anglo-saxônica e da onda de imigração do final do século XIX e início do século XX - esta amplamente variada.

¹² CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.23.

¹³ (...) sous l’influence de Rousseau, la théorie politique et juridique de la France demande à l’Etat non seulement d’assurer la cohésion sociale, mais aussi de faciliter l’exercice de ‘libertés publiques’, telles qu’elles sont définies par la loi (...) Cf. Daniel O. Conkle, “Expression et symbolisme religieux dans la tradition constitutionnelle américaine: neutralité de l’État, mais pas d’indifférence”, Elisabeth Zoller (dir.), *La Conception Américaine de la laïcité*, Paris, Dalloz,

2005. p. 176. Ver In: CATROGA, *Op. Cit.* p.22. A historiadora Mary A. Junqueira também fala desta questão: “Antes de mais nada, é preciso afirmar que a organização política da república, a idéia de democracia e a opção por um contrato social – a Constituição- são concepções e projetos que fazem parte da História do Ocidente e já vinham sendo propostos e debatidos por pensadores e políticos europeus.” In: , JUNQUEIRA, Mary Anne *Op. Cit* pp. 9-10.

¹⁴ Estas questões acerca da formação da classe operária imigrante e formação de “núcleos de pobreza” são importantes para o estudo dos conflitos sociais existentes nos Estados Unidos, mas não é o nosso principal foco de análise neste artigo. Uma opção de leitura para esta questão pode ser vista in: AQUINO, JESUS, OSCAR. *História das Sociedades Americanas*. Rio de Janeiro, São Paulo. Record. 2004 pp.335-347.

¹⁵ Cf. <http://www.christianlaw.org/content/view/358/61/> (10/10/2007) .

¹⁶ <http://www.fouth-of-july-celebrations.com> (10/07/2005) In: CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.41.

¹⁷ CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.57.

¹⁸ Cf. Salmos (56:11 e 37:3-5) e Isaías (31:1) ver In: Bíblia Sagrada.

¹⁹ É similar, e não igual por motivos políticos, já que a frase no hino é “In god is our trust”, como na passagem bíblica. Pra melhor compreensão destes motivos, ver in: CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* pp. 49-50. Ver também <http://www.christianlaw.org/content/view/181/61/> (10/10/07).

²⁰ <http://www.christianlaw.org/content/view/181/61/> (10/10/07). Tradução e grifos nossos.

²¹ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%B3lar_americano (23/10/2007).

²² CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p. 32.

²³ Cf. CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* pp 72 – 73.

²⁴ Cf. OLIMPIO, Marise Magalhães; SAMPAIO, Jorge Henrique Maia. *Estados Unidos e o Destino Manifesto*. In: Ameríndia. Volume 2, numero 2/2006 pp. 2 - 6 www.amerindia.ufc.br (19/10/2007).

²⁵ AQUINO, JESUS, OSCAR. *Op. Cit.* p. 344.

²⁶ Para mais informações acerca das doutrinas estadunidenses que tratamos nesse parágrafo ver In:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Big_stick (22/10/2007)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Doutrina_Monroe (22/10/2007)

http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Howard_Taft (22/10/2007)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Destino_manifesto (22/10/2007)

²⁷ Cf. CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p 61.

²⁸ Palavras proferidas por Bush em discurso, justificando a Guerra do Iraque. Ver In: Michael Moore. Fahrenheit, 11 de setembro. 2004.

²⁹ A importância que é dada ao voto pelos entrevistados reforça a crença nas instituições estadunidenses.

³⁰ Fala de uma propaganda da empresa Zytech Engineering, quando da venda da cabine antiterror. Ver In: Michel Moore. Fahrenheit, 11 de setembro. 2004.

³¹ O culto à bandeira, nos Estados Unidos, é uma prática muito importante para sua religião civil. Alguns trechos da *Pledge of Allegiance* (Promessa de Aliança) chega a se referir mais a bandeira estadunidense que ao próprio Deus. Cf. CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* pp 56 – 57.

³² Podemos ver então mais uma questão que é como se dá o alistamento. Os militares encarregados de recrutar jovens atuam nas áreas de baixa renda, com o discurso de ascensão social e de que as Forças Armadas dos Estados Unidos cuidarão de tornar reais os sonhos e objetivos desses jovens. A própria Lila Lipscomb incentivou os filhos com a justificativa de que só assim eles teriam como conseguir dinheiro para estudar e conseguir ingressar numa faculdade. Fica evidente aí a questão das tensões sociais existentes estadunidenses, reforçando a idéia de que os Estados Unidos não são um país homogêneo.

³³ Esse pequeno trecho faz parte de um discurso proferido por Lila Lipscomb que pode ser visto no material extra do DVD “Fahrenheit, 11 de setembro”.

³⁴ NORA, Pierre. Entre História e Memória- A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury in: PROJETO HISTÓRIA: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*. São Paulo, SP – Brasil, 1981. p. 7.

³⁵ Ver in: http://veja.abril.com.br/190901/p_068.html (14/10/07).

³⁶ Acerca das reportagens locais e suas recorrências aos especialistas In:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG55231-5990-245,00.html> (14/10/07).

³⁷ Encontra-se no discurso presidencial de George W. Bush de 07/02/2002. Cf. CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.65. Tradução nossa.

³⁸ Sempre a terra prometida GAUCHET, Marcel. *Une Monde Désenchanté?* Paris, Les Editions de L’Atelier,2004 p.207 Cf. CATROGA, Fernando. *Op. Cit.* p.75.

³⁹ Ver in: <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/osulliva.htm> (22/10/07).